



## A carne e a escrita

### Um estudo crítico psicanalítico sobre Graciliano Ramos

Autor: Roberto B. Graña

Editora: Literatura em Cena, 2022, 218 p.

Resenhado por: Vítor Cruz de Freitas,<sup>1</sup>  
Contagem

---

*Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso, não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos. Só podemos expor o que somos.*

GRACILIANO RAMOS

É uma grande honra ter sido convidado para resenhar *A carne e a escrita: um estudo crítico psicanalítico sobre Graciliano Ramos*, de Roberto B. Graña. Trata-se de uma reescrita que teve origem em 2003, situação em que o autor concluía sua tese de doutorado, *A carne e a escrita: estudo crítico sobre interpenetrações vivência/texto em Graciliano Ramos*, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Dois anos depois, viria à tona sua primeira edição em livro impresso, publicada pela Casa do Psicólogo, com o título *A carne e a escrita: um estudo psicanalítico sobre a criação literária*.

Graña apresenta a obra atual (2022) como “outra edição”, evocando as dificuldades da experiência de reescrita, situação em que o autor, tomado por uma súbita estranheza, não mais se encontra ou se reconhece em seu escrito anterior.

Para Graña, o texto, assim como a vida, é filho da repetição. Cada nova edição possibilita a correção da versão anterior. É o fruto vivo de um retorno, não do mesmo, mas do diferente, ou do mesmo em produção de diferença. É, portanto, novo.

Como tudo aquilo que nos faz brilhar os olhos e saltar a alma, encontro-me nesse desafio, em que foi necessário vencer as primeiras arrebentações, de rara densidade e complexidade técnico-metodológico-cultural, para que,

1 Psicólogo. Mestre em psicopatologia e psicanálise pela Universidade de Paris 7 – Denis Diderot. Analista em formação pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). Organizador e autor dos livros *A psicanálise na vida cotidiana* (volumes 1-4).

então, pudesse mergulhar em um texto vivo, de águas profundas e cristalinas, conduzindo-me a uma viagem envolvente e de ritmo continuado.

O aumento fluido e paulatino da temperatura dessas águas permite ao leitor um *esparramamento* agradável pela vida e obra de Graciliano Ramos, ainda que se trate aqui das ressonâncias traumáticas entre a carne e a escrita.

A experiência é ardente, na própria carne, em que a escrita surge criativamente, a partir de sofrimentos e alegrias, talvez muito mais sofrimentos de fato. O autor ressalta, para além das potencialidades da teoria e da crítica literária como disciplinas e instrumentos de investigação psicanalítica, os benefícios curativos que a experiência literária *lato sensu* é capaz de produzir.

A escrita possibilita a elaboração, em continuada fruição. Desloca, desliza, introjeta, extrojeta e projeta. Rechaça ao mundo a desordem que compõe o ser.

Na introdução, naquilo que chamarei de *primeiras arrebentações*, encontramos os elementos necessários para uma crítica literária psicanalítica de fundamentos transdisciplinares. Marca registrada do autor, Graña não se furta a articular seu pensamento complexo, de modo transversal e intertextual, com o de escritores contemporâneos e de outrora. Por meio disso, busca fundamentar de modo consistente seu método de investigação e transmissão. A transdisciplinaridade compreende primordialmente literatura, teoria literária, psicanálise e filosofia existencialista.

O estudo proposto pelo autor tem a pretensão e o propósito de indicar uma perspectiva que possamos hoje considerar apropriada para a abordagem crítica psicanalítica do texto literário. Assim, toma como objeto a vida e obra de Graciliano Ramos. Como se pode perceber, há inegavelmente uma coincidência do relato autobiográfico com o texto ficcional. Um *materialma*, neologismo criado pelo autor para designar a interpenetração de corpo, afeto, texto e escrita. Esse parece ser o ponto nevrálgico ao qual se dirigem os interesses de Graña.

As palavras tanto podem fazer desaparecer as coisas, seu próprio malogro, quanto podem fazer aparecer outras, inexistentes ou desaparecidas. A escrita, como processo de autocura, possibilita ao mesmo tempo uma criativa retomada de nós mesmos e a criação de uma neorrealidade. Ao escritor, é possível se desfazer e se refazer no gesto da escrita.

Conforme Graña, para o Mestre Graça, escrever é um imperativo categórico. Sua obra o salvou. Seu poder curativo, por certo, pode ser compartilhado. Afetos densos, como inveja, ciúme, frustração, ódio e crueldade, permitem uma justa comparação do escritor a Dostoiévski.

O capítulo 1, intitulado “Graciliano, Cabral e o Outro: sobre as possíveis potencialidades terapêuticas da relação autor/texto/leitor”, enfatiza a criação

literária, análoga ao brincar infantil: por meio da verdade própria, a partir da tragédia pessoal e do caos familiar, torna-se mágico o gesto de escrever.

Graña fala de uma aventura em que os riscos são consideráveis e em que não há garantia alguma aos navegantes, mas que há decerto uma crença, uma aposta nesse outro lugar, em que a escrita se situa no entremundos, no entreseres. Um verdadeiro espaço potencial ou, se preferirem, transicional, no qual as emoções têm destino incerto e fluxo livre. Ou seja, escrever é impreciso.

O que determina a viabilidade terapêutica da literatura é – para o autor – a possibilidade de interlocução com o Outro do texto, em que, se acontece o encontro com a verdade própria, experimentamos o surgimento do sentimento de estar na verdade e a convicção de que o que descobrimos é autêntico.

Nesse processo, é possível aventar que Graciliano Ramos não enlouqueceu e não se fez delinquente porque, em meio a tudo isso, através da escrita, adveio sua voz. Ao utilizar a criatividade como saída, pôs o traumatismo a serviço do sujeito.

Segundo Graña, é possível identificar cinco momentos diferentes de elaboração literária da experiência vivida do autor a partir da leitura do livro *Infância*: “Um cinturão”, “Um intervalo”, “O moleque José”, “Um incêndio” e “A criança infeliz”. Considero que valha muito a pena perfazer o percurso indicado pelo autor, além da leitura de *Insônia*, *Angústia*, *Vidas secas* e *São Bernardo*. E aos mais corajosos, por que não encarar as quase 700 páginas de *Memórias do cárcere*?

Graciliano brinca, utiliza a inversão de papéis, observa, participa ativamente das situações traumáticas e cria possibilidades de modificação imaginária, engendrando manobras autocurativas de alta tecnologia.

Conforme o autor, parafraseando Winnicott, a experiência de contato com o Outro permite-nos penetrar em direção ao mais oculto e obscuro em nós mesmos.

Avançando na leitura, avistamos o capítulo 2, “O substrato vivencial do texto literário: corporeidade, alteridade e escrita em Graciliano Ramos”.

Já no início, Graña diz que o próprio Graciliano se dizia um catador de ninharias, mesquinho, que (des)qualificava a si mesmo com peculiar crueldade e impiedade. Recordo-me de uma das nossas tantas conversações, em que Graña defendia algo assim, que uma análise deveria passar por ali, como uma conversa despreziosa – que uma verdadeira psico-análise era feita de ninharias.

Nesse capítulo, Graña ressalta alguns dos temores e tremores de Graça, quando ele tem de ser hospitalizado para uma cirurgia decorrente de uma queda. Nessa ocasião, foram necessários mais de 40 dias de internação, acompanhados de sofrimentos físicos, fantasias, devaneios, visões e delírios que fizeram com que, daquela experiência, jorrassem secreções purulentas, enformadas literariamente como “O relógio do hospital” e “Paulo”.

Ali, as imagens da ruína foram predominantes, fragmentos do eu e de seus outros colocavam em relevo o iminente estado de colapso, em que se sentia na carne, entre temores e terrores, o medo da morte.

A falência do outro primordial engendra imagens de desamparo que se sucedem, se deslocam, se substituem e se multiplicam. Graña evoca algumas tantas situações em que há momentos de total coincidência entre autobiografia e ficção.

No final desse capítulo, o autor faz uma ressalva:

Psicanalisar um texto literário como se ele fosse sempre um livro de memórias, ou uma autobiografia, uma confissão, é desconsiderar as condições possíveis nas quais se apoia a sua construção e as implicações das noções de autor (sujeito da escrita), narrador (sujeito da enunciação) e personagem (sujeito do enunciado) enquanto demarcadores de tempos, espaços e significados que não possuem uma essencialidade isomórfica. (p. 110)

Para o autor, o uso abusivo, invasivo e incorreto realizado através da psicanálise dita aplicada é um equívoco. Outra crítica concerne ao catálogo de símbolos a partir do qual se chegaria ao engodo de um sentido unívoco, utilizado como modo de interpretação tanto de textos literários quanto de pacientes em análise. Graña ataca diretamente os temerários modos interpretativos presentes em correntes psicanalíticas de inspiração junguiana, kleiniana e annafreudiana, “onde o absolutismo dos símbolos produz um arredondamento semiológico ou um fechamento hermenêutico que é em tudo oposto ao que a psicanálise contemporânea (pós-estruturalista) tem sugerido” (p. 113).

Cabe frisar que a psicanálise contemporânea e o declínio da interpretação têm sido objetos de investigação constante de Graña e compõem seu arcabouço, como marcas incontornáveis de um modo próprio de pensar (cf. Graña, 2014).

Mar adentro, metade do livro, capítulo 3: “Graciliano, escravo e senhor: contradições e ambiguidade no esforço de síntese literária do inconciliável”.

Nesse capítulo, encontramos talvez um dos grandes dilemas graciliânicos, a meu ver: sarar ou morrer? Que se desdobra facilmente em suas (re)composições: delirar ou morrer? Ou ainda, matar e/ou morrer?

Graciliano era carrancudo, mas após o primeiro copo de cachaça se enternecia, dizem alguns; era rigoroso ao extremo com seus subalternos e seus colaboradores, afirmam outros; castigava duramente seus filhos, inclusive fisicamente, é o que encontramos nas biografias; quando prefeito de Palmeira dos Índios, determinou um extermínio em massa de cachorros sem dono que erravam pelas ruas, afirma o próprio escritor referindo-se às medidas drásticas que tomara em sua administração;

era retraído, solitário e não demonstrava uma disposição gregária, mesmo que se identificasse com as causas populares e se compadecesse do sofrimento dos desfavorecidos, acrescentam certos críticos. (p. 126)

Consequência das máculas do trauma, o viver traumático da infância resulta numa identificação com o agressor no a posteriori. Estimo que haja uma espécie de reconhecimento que identifica esta como uma forma assegurada para obter o prazer/gozo.

O coração grosso, a secura, a dureza indicavam a necessidade imperativa de que alguém deveria pagar pela sua desgraça.

Concordo com Graña ao falar de Graciliano Ramos como tendo sido um dos grandes escritores existencialistas, o que faz dele um existencialista avant la lettre e à brasileira.

Graña continua: “Compará-lo a Sartre é tão inevitável quanto são similares suas trajetórias como autores e cidadãos. Semelhante a Sartre, Graciliano foi um homem engajado e cético, religioso e ateu, comunista e anárquico, generoso e cruel. Inevitavelmente um ‘impostor’” (p. 135).

Donde as contradições e ambiguidades que se fazem presentes no processo de elaboração constante de elementos, à primeira vista, inconciliáveis. Por vezes, personagem-narrador e autor podem falar em uníssono, utilizando-se de uma mesma voz.

Em “O desespero pré-sentido: sobre espertos e otários, luzes e trevas, cordas e cachos e as múltiplas dimensões do outro”, capítulo 4, adentramos na fase mais sombria de Graciliano, *Angústia*.

Nesse capítulo, Graña faz uma contraposição entre as fases graciliânicas em que foram escritos *Caetés* (1933) e *Angústia* (1936). A primeira é marcada pelo caráter divertido da “insolente desfaçatez social de um pobre-diabo ‘esperto’” (malandro). A segunda “nos impactaria com a errática trajetória alucinada de um pobre-diabo ‘otário’”, diz o autor (p. 153).

Graña afirma que “no centro de *Angústia* há um nó. Nó desatado, nó ausente, nó cego, nó a ser feito” (p. 157). É nesse contexto que ganha destaque a corda, elemento que funciona como fio condutor para o suplício de Graciliano. A partir desse significante, será dada uma diretriz principal: corda-cobra-colarinho-canos-chicote-cinturão.

Em *Angústia*, assim como em *Infância*, através da *autopaidografia* (neologismo criado por Graña, que remete a uma autobiografia limitada à infância do escritor), é possível compreender como se entrecem as histórias do escritor e de seus personagens. Por meio da “imagem” de uma figura sinistra, do outro tirânico, ressaltam-se as experiências de asfixia de Graciliano em decorrência das brutalidades proferidas pelo seu pai.

Em *Angústia e Infância*, nota-se o surgimento do elemento sádico operante nas fantasias vingativas do personagem, que entre outras mazelas encontra-se em estado de desolação. Amarrado, apertado e com a corda no pescoço, “diluía sua ira em álcool; começara a beber demais, tomava café em excesso e jogava durante todo o tempo livre” (p. 168).

Os sinais psicopatológicos do personagem eram claros. A movimentação febril, num mundo de densa neblina e nenhum norte, aponta para os estados de turvação, obnubilação da consciência e errância que antecedem e acompanham os delírios e as descompensações psicóticas severas.

As ideias homicidas faziam-se fortemente presentes. Elas se impunham e entravam em sua cabeça como um prego atravessando seus miolos. De maneira brilhante, Graña articula Graciliano com Calígula, dizendo que aquele, como este, ansiava por “destróçar muitos pescoços com um único golpe, ou que desejaria que todos os fantasmas da insuficiência paterna, que o atormentavam desde o fundo da infância, pudessem ter um único pescoço que ele esganaria numa laçada só” (p. 171).

O livro se encerra no capítulo 5, “Graciliano entre a insônia, a insânia e o nó: breves registros noturnos de uma carcaça pendular”, quando o significante ascende ao plano material. “A escrita encarnada já não nos faz tão certos, assim, de que a palavra *cão* não morde ou de que a palavra *flecha* não transfixa. A linguagem mostra ser corpo, ‘corpo sutil, mas corpo’, como escreveu Lacan” (p. 195).

É nesse capítulo que Graña tece algumas de suas formulações mais interessantes. A primeira concerne a um escrito de outrora (Graña & Piva, 2001), em que o autor remete a si mesmo, evocando a articulação dos três tempos lógicos do processo psicanalítico: o amorfismo, a figuração e a nomeação. A segunda diz respeito à materialidade do significante, quando o autor afirma que a marca do significante no real, a impregnação da carne pelo signo, é o que converte a letra em corpo e o corpo em letra, tal como encontramos em *A carne e a escrita*.

No fim, o ato. Em função do homicídio cometido, com o enforcamento de seu algoz, o escritor-personagem envereda para aquele tipo de prisão de que os detentos só saem ao morrer. Mas antes de morrer, de se tornar um sujeito inocentemente imóvel, tranquilo e feliz, foi preciso enlouquecer. E, para não enlouquecer ou morrer, foi preciso escrever.

“O gesto pelo qual o enforcado ingressa na noite eterna desautoriza qualquer absolvição. Sua inocência reside em havê-lo suposto um ato resolutivo. Na busca da paz, de uma estranha felicidade, ele condena-se a uma expiação sem fim” (p. 198).

*A carne e a escrita: um estudo crítico psicanalítico sobre Graciliano Ramos*, de Roberto Graña, é uma leitura recomendada aos humanos, demasiadamente

humanos, apaixonados pela arte, pela fineza da interpenetração textual; àqueles que, entre a dureza do ente e a beleza do ser, apostam no caos fértil como possibilidade para o devir; aos amantes da psicanálise contemporânea, da literatura profunda e do existencialismo.

### Referências

- Graña, R. B. (2014). *O declínio da interpretação: experiência e intervenção em psicanálise*. Juruá.
- Graña, R. & Piva, A. (2001). *A atualidade da psicanálise de crianças*. Casa do Psicólogo.

Víctor Cruz de Freitas  
vcruzfreitas@gmail.com